

A PESSOA IDOSA: A PERCEPÇÃO SOBRE A SEXUALIDADE E BEM ESTAR

THE ELDERLY PERSON: THE PERCEPTION ABOUT SEXUALITY AND WELL-BEING

Bianca Germania da Silva¹

Dalila Paixão da Silva²

Mônica Gomes da Conceição Santana³

Resumo: O presente artigo teve como objetivo responder o seguinte problema de pesquisa: de que forma a percepção da sexualidade no processo de envelhecimento afeta o bem-estar psicossocial da pessoa idosa? Assim, tivemos como objetivo geral analisar de que forma a percepção da sexualidade no processo de envelhecimento afeta o bem-estar psicossocial da pessoa idosa. Foi empregado o método de pesquisa de revisão de literatura sistemática, utilizando indicadores como idoso, sexualidade, percepção, psicossocial e bem-estar. Foi utilizado como base de dados o Google Acadêmico, Scielo e BDTD. Foram incluídos artigos e dissertações datados dos anos 2010 a 2020 que abordassem a temática: sexualidade da pessoa idosa. Foram encontrados 43 ar-

1 Psicóloga - CRP 02/24629. Bacharela em Psicologia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA.

2 Psicóloga - CRP 02/24622. Bacharela em Psicologia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA.

3 Psicóloga - CRP 02/24709. Bacharela em Psicologia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA.



tigos no qual foram usados apenas 5. O artigo e as dissertações apresentaram questões referentes à percepção dos idosos sobre sua sexualidade, a importância da educação sexual e a vivência do bem-estar da pessoa idosa, exibiram também a vivência de alguns idosos. Portanto, conclui-se que carece de mais pesquisas voltadas à exploração da percepção dos idosos sobre sua sexualidade e como isso os afeta. Espera-se que se possa expandir essa temática com pesquisas que visam orientar e ampliar o conhecimento e aprendizado acerca da sexualidade na fase idosa, buscando evidenciar a importância da autonomia dos idosos sobre as suas escolhas frente as possibilidades de vivenciar sua sexualidade.

Palavras chaves: Idoso. Sexualidade. Percepção. Psicossocial. Bem-estar.

Abstract: This article aimed to answer the following research problem: how does the perception of sexuality in the aging process affect the psychosocial well-being of the old person? Thus, the general objective was to analyze how the perception of sexuality in the aging process affects the psychosocial well-being of the old person. The research method of systematic literature review was used, using indicators such as elderly, sexuality, perception, psychosocial and well-being. Google Scholar, Scielo and BDTD were used as a database platform. We included articles and dissertations dating from 2010 to 2020 that addressed the theme: sexuality of the older person. Forty-three articles were found in which only 5 we used. The article and dissertations presented questions related to the elderly perception about their se-



xuality, the importance of sexual education and the experience of the well-being of the elderly, also exhibited the experience of some elderly person. Therefore, it is concluded that there is a need for more research aimed at exploring the perception of the elderly about their sexuality and how it affects them. It is expected that this theme can be expanded with research aimed at guiding and expanding knowledge and learning about sexuality in the elderly phase, seeking to highlight the importance of the autonomy of the old person over their choices in face of the possibilities of experiencing their sexuality.

Keywords: Elderly. Sexuality. Perception. Psychosocial. Welfare.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é definido no processo do desenvolvimento como sendo a última fase do ciclo da vida. Contudo, de acordo com o Estatuto do Idoso (2003), uma pessoa é considerada idosa a partir de 60 anos de idade ou mais. A fase idosa pode ser considerada um dos períodos mais difíceis na vida de um sujeito, devido às várias mudanças ao longo de seu envelhecimento psicossocial e devido a fatores fisiológicos. Além disso, a sociedade impõe ao idoso o rótulo de incapacidade, de modo que ele passa a ser visto e se ver como um ser fraco e doente, um fardo a ser sustentado e fadado ao esquecimento (Schneider e Irigaray, 2008). O rótulo de velho sustenta-se na ideia de que o envelhecer, em essência, produz sofrimento diversos como a perda da autonomia, fragilidades, debilidades físicas, isolamento,



estabelecendo o fim das possibilidades de se viver com dignidade. Os idosos são tomados por um mal-estar pelo fato de não corresponderem às exigências do mundo contemporâneo (Moreira e Nogueira, 2002).

Os rótulos aumentam ainda mais quando se fala na questão da sexualidade, que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2006), é definida como um aspecto central do ser humano, sendo influenciada por um conjunto de interações entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, entre outros. Ou seja, não está somente ligada ao ato sexual, tampouco à estímulos nos órgãos genitais (Negreiros, 2004). Conforme afirmam Uchôa e colaboradores (2016), a sexualidade pode ser expressa através da interação com o outro e manifesta-se por meio das relações sociais através da corporeidade,

ou pode ser traduzida como a maneira de ser e de estar no mundo mediante as expressões de desejo que atravessam o cotidiano humano. Desta maneira, a sexualidade pode ser diferenciada do sexo, que remete apenas a uma das diversas formas de expressão do amor humano.

No intuito de delimitar a temática acerca da sexualidade dos idosos, foram encontradas reflexões e discussões sobre o tema, entretanto, os assuntos abordados referiam-se à sexualidade pautada nas questões biológicas, ou limitavam-se apenas ao ato sexual (Bozon, 2004; Sena, 2007). Por conta dos rótulos e tabus criados sobre o tema explicado, motivou-se o interesse pela busca de uma nova perspectiva frente aos estudos encontrados acerca da sexualidade na terceira idade. Assim, quando se fala em sexualidade da pessoa idosa,



existem vários rótulos que incluem diferentes compreensões. Dentre essas, podemos relacionar a ideia de que o idoso não sente vontades e prazeres, sendo um ser assexuado. Essa atitude reflete muito sobre como as pessoas foram educadas por seus pais e como perpassam padrões de geração para geração (Almeida e Lorenço, 2008).

Segundo Pinto e colaboradores (2019), alguns idosos afirmam não existir idade para o sexo, mas enfatizam que não acontece como na juventude. Embora não neguem a necessidade pelo prazer, ressaltam a diminuição da atividade devido à idade avançada, o cansaço ou até os preconceitos que os impossibilitam de expressar suas necessidades sexuais como anteriormente. No que diz respeito aos impactos da percepção da pessoa idosa sobre a sexualidade, para alguns é

algo somente ligado ao ato sexual. Já outros são mais abrangentes, dando sentido à sexualidade na expressão corporal, sendo percebida através de conversas, no cotidiano, em que é expressa por demonstrações de afeto, usar um perfume e até mesmo ter uma sensação de bem-estar.

O conceito de bem-estar psicológico foi desenvolvido e amadurecido através dos estudos de Ryff e Keyes (1995) e está correlacionado ao desenvolvimento progressivo e positivo do sujeito. Já o conceito de bem-estar social foi elaborado por Keyes (1998), estando associado aos benefícios que a vida social oferece. Portanto, bem-estar psicossocial é a condição de estar bem consigo mesmo e com o meio que o cerca, sempre buscando desenvolver-se positivamente. Assim sendo, Carreira (2011) sugere-nos que no presente contexto a pro-



blemática do envelhecimento e da sexualidade na terceira idade requer um novo olhar, enxergando o idoso para além da velhice, com suas experiências, vivências e desejos, devendo tornar-se algo fundamental para todas as pessoas que compõe a sociedade civil.

A partir destas considerações, pretende-se responder o seguinte problema de pesquisa: de que forma a percepção da sexualidade no processo de envelhecimento afeta a vivência psicossocial da pessoa idosa? E, como objetivo geral, pretende-se analisar de que forma a percepção da sexualidade no processo de envelhecimento afeta o bem-estar psicossocial da pessoa idosa. Os objetivos específicos são: a) conceituar quem é o idoso sob uma perspectiva psicossocial; b) explicar o papel da sexualidade através de uma perspectiva psicossocial de desenvolvimento; c)

caracterizar a percepção e descrever como a sexualidade é percebida pelo idoso; d) descrever o bem-estar da pessoa idosa na perspectiva psicossocial; e) destacar os impactos da percepção da sexualidade no bem-estar do idoso.

REFERENCIAL TEÓRICO

O idoso e o envelhecimento

O envelhecimento é um processo natural e progressivo, comum a todo ser humano. Assim, torna-se difícil estabelecer o início da velhice, pois existem vários fatores que contribuem para o envelhecimento (biológico, psicológico e cultural) e esses fatores se alteram de acordo com as diferenças sociais e fisiológicas que cada um carrega. Contudo, de acordo com artigo 1º da Lei n. 10.741 de outubro de 2003,



do Estatuto do Idoso (2003:7), é “[...] idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Em virtude do aumento da expectativa de vida, a população idosa mundial tem demonstrado crescimento significativo nas últimas décadas. Esse fenômeno trouxe consigo um olhar mais atento de pesquisadores ao público idoso, e, nas últimas décadas do século XX, as produções sobre a temática do envelhecimento tornaram-se progressivas. Dentre os estudos desse campo, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) destacam os estudos bibliométricos (Minayo et al, 2010; Ravelli et al, 2009), que trouxeram ampliações na produção científica e contemplaram diferentes áreas com relação à temática idosa.

De acordo com Neri (2008 apud Vieira, 2012:36), a velhice é definida como a última fase do ciclo da vida marcada por

vários fatores, que incluem: “perdas psicomotoras, afastamento social, restrições de papéis sociais e especialização cognitiva”. Em seu sentido etimológico, velhice refere-se à idade avançada, estado ou condição de ser velho. Outra terminologia utilizada como definição de velhice é terceira idade. Essa expressão surgiu na França por volta dos anos 60 e introduziu políticas de integração social para transformar a imagem que se tinha da pessoa idosa, antes predestinada à exclusão social, esquecida em asilos. Já o título de idoso, restringia-se apenas a pessoas com situação financeira privilegiada, cargos políticos ou com atividades sociais valorizadas (Vieira, 2012). Segundo Papalia et al. (2006), com o dramático prolongamento do ciclo de vida, os cientistas concentram mais atenção sobre o que acontece com o corpo huma-



no durante o envelhecimento.

No processo de desenvolvimento, as perdas físicas costumam ser tão pequenas e graduais que são quase imperceptíveis. Porém, com o passar da idade, as mudanças aumentam, iniciando então a senescência e a senilidade. A senescência é o processo de envelhecer natural e gradual do desenvolvimento humano marcado por evidentes declínios no funcionamento corporal. Faz parte desse processo: o aparecimento dos cabelos brancos, perda da flexibilidade da pele, redução da estatura, perda da massa muscular e aparecimento de rugas. Já a senilidade, refere-se a forma patológica do envelhecimento e acomete alguns indivíduos, com doenças crônico-degenerativas como: hipertensão, problemas cardíacos, demências, osteoporose etc. Desse modo não podemos confundir o envelhecimento na-

tural com processos patológicos, tampouco, podemos tratar idosos da mesma maneira, pois esse processo acontece de modo diferente em cada um (Ciosak et al., 2011).

Segundo Schneider e Irigaray (2008), a fase idosa pode ser considerada um dos períodos mais difíceis na vida de um sujeito, devido às várias mudanças ao longo de seu desenvolvimento. A sociedade impõe ao idoso o rótulo de inútil e incapacitado, de modo que ele passa a assumir a forma de um ser fraco e doente, um fardo a ser sustentado e fadado ao esquecimento. O rótulo de velho sustenta-se na ideia de que o envelhecer, em essência, produz sofrimento diverso, perda da autonomia, fragilidades, debilidades físicas, isolamento, estabelecendo o fim das possibilidades de se manter com dignidade. Observa-se uma forte associação dessas ideias ao mal-estar de não



se corresponder às exigências do mundo contemporâneo, experienciados pelo idoso na atualidade (Moreira e Nogueira, 2008). De acordo com Schneider e Irigaray (2008)

as concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social¹ e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se

em uma sociedade

¹ Construção Social é a concepção de diretrizes e valores coletivos fundadas em práticas individuais ou em grupo (Magalhães, 2004).

de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda (Schneider e Irigaray, 2008:03).

Desse modo, os valores e status atribuídos à pessoa idosa são baixos, pela supervalorização dos mais jovens e pela percepção de que atingir a fase idosa torna-se sinônimo de ultrapassado e sem capacidade de produzir. Uma vez que a velhice seja uma construção social, o preconceito pode partir da própria classe de idosos que querem viver mais e não desejam tornar-se velhos, pela ideia de velho ser inútil (Schneider e Irigaray, 2008). Faz-se necessário que a sociedade, como um todo, aprenda a supe-



rar a ideia preconceituosa que se tem sobre os idosos, valorizando o processo de envelhecimento e as experiências adquiridas no percurso. No entanto, é um desafio envelhecer em um cenário de instabilidade gerado por intensas transformações econômicas, sociais, políticas, ideológicas e científicas ocorridas nas últimas décadas. Tais mudanças ocorrem com muita rapidez, contribuindo para o surgimento da insegurança nos sujeitos que nele vivem (Moreira e Nogueira, 2008).

Sexualidade e velhice

Um panorama histórico da sexualidade

De modo a introduzir a temática da sexualidade, convém apresentar o panorama a partir do tempo medieval clássico. Neste período, encontramos a sexu-

alidade vista como uma ameaça, quando em divergência às recomendações que os teólogos pregavam. Era atribuição dos padres perguntarem e estarem atentos à vida sexual dos fiéis que tentassem, por meio de suas práticas, burlar a lei da procriação e condutas, em desacordo com as normas da época, por meio de ações como sodomia ou coito interrompido (Bonzon, 2004). Sendo assim, na antiguidade a reprodução era tida como o núcleo da sexualidade. Mesmo depois dessa desvinculação, representações como, por exemplo, os atos sexuais com intuito de procriar e a subordinação da mulher em praticá-los dentro do matrimônio, têm fortes influências na reprodução e na vivência da expressão da sexualidade ainda hoje (Bozon, 2004).

Ademais, a sociedade permitia para homens e mulheres



diferentes práticas: para a mulher tudo se delimitava a procriação dentro do matrimônio, já os homens eram livres para desfrutar dos prazeres que a vida lhe propiciasse, desde que não prejudicasse sua imagem de homem forte, pois não podiam ser visto como uma figura frágil. O cristianismo estabelecia condutas nas quais os ensinamentos e ideais divinos (mandamentos, morais religiosas) deveriam ser colocados em práticas por todos. Com isso, a sexualidade entre homens e mulheres aparecia em condição de igualdade, visto que Igreja Católica instituiu o casamento monogamista e outras práticas que o integram, como fidelidade ao casamento baseado nos princípios cristão para todas as pessoas (Bozon, 2004). Apesar dessa aparente igualdade, a mulher continuou como figura central de procriação e a sexualidade não

evoluiu muito conceitualmente, permanecendo com seu foco na reprodução.

Foucault (1988) expõe criticamente o controle que existiu em torno da sexualidade no período vitoriano (1837-1901), momento de forte controle moral dos valores sexuais. Antes de seu início, durante o século XVII (1601 até 1700), as práticas sexuais começaram a ser postas de modo mais franco e isenta de disfarces para as pessoas, onde via-se ser maleável a aproximação com o ilícito. Logo após esse período, a moral vitoriana faz com que a sexualidade seja contida mais uma vez, só podendo ser usufruída entre o casal em termos de procriação ou seja, o sexo com o propósito da reprodução humana. Para as crianças, a sexualidade não deveria existir, não se poderia falar com elas sobre tal assunto. Por esse motivo,



Foucault (1988) afirma que a sociedade burguesa vivia de hipocrisia. O sexo era contido e falar sobre ele seria quebrar as regras sociais da época. Dado isso, pode-se tirar a ideia do cuidado com as palavras que se tinha ao falar sobre sexualidade no século XX (Foucault,1988). Tais construções sociais e morais podem ser observadas até os dias de hoje.

A sexualidade como objeto de estudo

Na contemporaneidade, a sexualidade tem sido discutida cada vez mais de modo a deixar de ser um objeto de tabu e para oferecer às pessoas novos entendimentos sobre o assunto, como um meio de aumentar o diálogo e evitar discursos moralistas ou medievais. Como afirma Pontes (2011:17), “nunca como atualmente se falou tanto destes as-

suntos e tem vindo a construir-se uma visão mais positiva e tolerante da sexualidade” com o intuito de compreender a sexualidade como algo natural do ser humano. Alguns dos autores principais sobre o tema sexualidade são Alfred Charles Kinsey e o casal Willian Howell Master e Virgine Eshelman Johnson. Como elucida Sena (2007:4), “na área de sexualidade, estes autores são marcos fundamentais no século XX”. Kinsey era um biólogo que, em seus relatórios de pesquisa acerca do prazer sexual, utilizou-se muito da estatística e escreveu dois grandes livros pelo qual é reconhecido: *Sexual Behavior in the Human Male* publicado em 1948 e *Sexual Behavior in the Human Female* em 1953.

Referência na temática da sexualidade, Kinsey é um autor clássico e importante do século XX, tendo seus relatórios



construídos a partir de recolhimento das histórias sexuais de indivíduos. As declarações eram obtidas pessoalmente por meio de conversa e possuem um enorme valor para pesquisas até os dias de hoje. Em seu primeiro relatório, Kinsey considera o modo como o ser humano se comporta sexualmente único. Podendo, entretanto, ser expressa de diversas maneiras como física, psicológica e social. Para afirmar isso ele recorreu a conexão de seus estudos com diversas áreas das ciências humanas, tais “como a antropologia, biologia, psicologia, medicina, ciências sociais, direito e etologia” (Sena, 2007:171-172).

As respostas do campo científico às afirmações do autor foram negativas. Os estudiosos da época, especialmente sociólogos e psicólogos, afirmavam que “um biólogo não estava qualificado para fazer esse

tipo de estudo” (Kinsey, 1949 apud Sena, 2007:172). Apesar das críticas, Kinsey seguiu com seus estudos, indo além do reducionismo que julgava existir nas explicações usuais presentes no século XX. Em seu segundo relatório, Kinsey relatou que o conhecimento dos fatores biopsicossociais (biológicos, sociais e emocionais) envolvendo as atividades sexuais seriam “o caminho de ajustamento entre a natureza sexual do homem e as exigências sociais” (Kinsey, 1948 apud Sena, 2007:177). Tal consideração aparece como forma de resposta contrária às exigências e pressões advindas dos pensamentos religiosos, que condenavam quaisquer atos sexuais não direcionados à reprodução.

Segundo Sena (2007), as críticas aos relatórios de Kinsey deu estímulo às pessoas para argumentarem e expressarem



seus pontos de vistas em relação ao ato sexual, pois diante disso novos questionamentos surgiram sobre o assunto. Sendo assim, no ano de 1954, Masters e Johnson deram continuidade aos estudos sobre a sexualidade baseando-se nas produções do autor, pois, em suas visões, faltava algo a ser complementado (Sena, 2007). O livro *Human Sexual Response* (A Resposta Sexual Humana), lançado no ano de 1966, foi o primeiro do casal no qual foram feitas descobertas no laboratório sobre reações sexuais de homens e mulheres, que vão desde a excitação até a ejaculação ou orgasmo. O segundo livro, *Sexual Inadequacy* (Inadequação Sexual Humana), publicado em 1970, trata de disfunções sexuais que podem vir a acontecer tanto com o homem quanto com a mulher (Sena, 2007). Todos os autores citados até então, Kinsey, Masters

e Johnson, realizaram pesquisas através de um viés biológico da sexualidade. Contudo, a sexualidade não se resume ao biológico, estando associada a vários outros fatores, tais como o comportamental, físico, emocional, mental e social (OMS, 2006).

Todos esses fatores influenciam e perpassam pelas várias fases da vida, desde a infância até a terceira idade, com a latência sexual (período de baixa atividade) durante a fase infantil, a expressão acentuada após a puberdade e início da vida adulta, e o aparente enfraquecimento na terceira idade. Essa aparência se dá por se tratar de um tabu na sociedade, e não por fatores físicos e biológicos em si, como o envelhecimento corporal (Vitiello e Conceição, 1993). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), pode-se definir sexualidade como sendo



Um aspecto central do ser humano, que ao longo da vida abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (OMS, 2006:10).

Sendo assim, pode-se

observar a sexualidade como algo ligado não somente ao ato sexual, e sim a um conjunto de interações que constitui o ser humano. Não se pretende aqui estender a discussão quanto as definições de identidade e papéis de gênero². No entanto, ambos compreendem o ser humano para além das variadas orientações sexuais³. Como foi discutido, no decorrer de toda história e até a atualidade, a sexualidade é vista majoritariamente por um viés biológico, ou dando-se demasiado peso a algumas dimensões isoladas. Uma delas é a religiosa,

2 Identidade de gênero refere-se ao gênero que o próprio indivíduo se reconhece, enquanto papéis de gênero diz respeito a uma construção da sociedade que determina como o ser humano deve se comportar de acordo com seu gênero de nascimento (Jesus, 2012)

3 Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero (Jesus, 2012).



que apresenta inúmeras regras de modo a retificar a sexualidade e adequá-la aos padrões religiosos, seja monogamia, poligamia, castidade ou abstinência sexual, entre outros comportamentos e restrições. A sexualidade não está ligada somente ao ato sexual entre dois indivíduos ou só é vivenciada através de estímulos nos órgãos genitais. Ela envolve também uma energia de vida, ou seja, “uma capacidade de ligar as pessoas” (Negreiros, 2004:77) que o ser humano utiliza para se relacionar, de modo que o sexo faça parte da sexualidade, contudo, não seja seu aspecto determinante.

Como elucida Moraes et al. (2010), existem formas subjetivas de expressar a sexualidade, tais como através do carinho, amor, afeto e emoções, pelas quais o indivíduo expressa seu jeito de ser, superando a visão

reducionista e dualista que resume a sexualidade no ato sexual objetivo, separado das vivências e emoções individuais. Ademais, a sexualidade é considerada universal e faz parte da vida do ser humano, na qual cada indivíduo tem sua forma subjetiva de expressão. Além disso, envolve diversas perspectivas, tais como sociais, financeiras e culturais, que trazem em evidência a experiência na qual e como foi vivenciada por cada pessoa (Ressel e Gualda, 2003). De acordo com Bonzon (2004), a sexualidade transcorre desde o processo da normatização dos corpos⁴ às transformações que temos observado ao longo dos últimos anos, tratando a sexualidade nos vieses de prazeres, direitos, igualdade sexual para jovens, adultos e ido-

⁴ Corresponde às mudanças/transformações que o corpo do ser humano passa (Bozon, 2004).



sos.

Sexualidade na terceira idade

Quando se fala em sexualidade na terceira idade, de acordo com Almeida e Lourenço (2008), alguns rótulos ainda a cercam, implicando em diferentes percepções. Dentre essas, podemos elencar a ideia do idoso como um ser assexuado que não sente vontades e prazeres. Este cenário é uma questão cultural, reflete como as pessoas foram educadas por seus pais e como perpassam padrões de geração para geração. Tal visão tem suas origens devido aos poucos estudos em sexualidade referente à essa parcela da população. Desse modo, as ciências humanas, sociais e a medicina, fundamentaram seus discursos negligenciando esse público, o que favoreceu uma construção social de

um idoso assexuado (Neri, 1993 apud Almeida e Lourenço, 2008).

A mídia também assume um importante papel nessa construção, contribuindo em sua manutenção ao apresentar um idoso passivo, que se ocupa apenas de atividades monótonas. No entanto, a realidade atual tem se transformado, como trazem Almeida e Lourenço (2008), ao afirmarem que

Felizmente, a publicidade parece estar mudando essa mentalidade atualmente, mostrando os idosos como pessoas criativas, modernas e abertas aos relacionamentos, o que contribui para derrubar certas estereotípias (Almeida e Lourenço, 2008:132).

A concepção de um idoso passivo e assexuado necessita continuar a ser desconstruída,



pois, assim como o jovem, essa parcela da população continua a desfrutar da sua sexualidade. Apoiando-se na ideia de Santos e Carlos (2003), não se pode concordar com ideia de que o idoso não expresse sua sexualidade. Os autores ressaltam que “o velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas” (Santos e Carlos, 2003: 22-23). Assim, entendemos que o idoso elabora novos meios de experienciar sua sexualidade dentro das suas possibilidades de vida. Um destes meios de expressão e investimento na sexualidade é por meio do amor romântico⁵. Este possui o sentido de estabelecer uma ligação com a liberdade, como também o sentimento de realização do indivíduo, aspecto no qual Giddens

5 O amor romântico pressupõe a possibilidade de estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo (Giddens, 1993:10).

(1993) afirma ter sido negligenciado por Foucault em seus estudos. A respeito disso, Almeida e Lourenço (2008) propõem que

O amor amadurecido tende a não idealizar o outro, a não exigir mudanças drásticas no que o outro é, ou mesmo em suas práticas; ao contrário, geralmente procura companheirismo, carinho, afeto, tranquilidade, convivência, com a sabedoria e a experiência que o(a) parceiro(a) também traz (Almeida e Lourenço, 2008:134).

Isto é, a sexualidade, no sentido romântico, é vivenciada sem uma pressão de obter desempenho sexual como se obterá numa idade mais jovem.

Idoso e percepção sobre envelhecimento



Percepção é um assunto que pode ser frequentemente encontrado em diferentes áreas do conhecimento humano, como psicologia, filosofia, dentre outras. O termo percepção origina-se no latim perceptio, ónis, que significa compreensão, ver, faculdade do saber (Bacha et al. 2006). Bacha et al. (2006) ainda afirmam que o termo percepção é utilizado constantemente no sentido de opinião ou atitude. Ou seja, para os autores a percepção pode ser expressa através do nosso ponto de vista ou por meio da nossa conduta. Na perspectiva psicológica, Lopes e Abib (2002), ao revisarem o trabalho de Skinner, afirmam que a percepção é considerada como um processo onde entramos em contato com a realidade; entretanto, é explicada por meio da ideia de uma cópia mental do mundo que é percebido. Quando percebemos algo, te-

mos a tendência de produzir uma cópia mental desse objeto e essa cópia é gravada e pode vir a ser usada subsequentemente, caso haja uma rememoração. Essa forma de entender a percepção é conhecida como teoria da cópia ou teoria da representação mental. Afirmando assim, que, ao entrarmos em contato com a realidade, percebermos o que está a nossa volta e podemos produzir um retrato mental na memória que poderá vir ser revisitado em algum dado momento.

Para Oliveira e Mourão-Júnior (2013) a percepção não é produzida por objetos sobre o indivíduo nem é causada pelo corpo do indivíduo sobre as coisas: a percepção é a conexão entre sujeito e sua forma de perceber. Percepção é um acontecimento ou realidade mental e corporal, pois está interligada com o corpo e a mente. Ou seja, o sujeito e sua



percepção estão entrelaçados, de forma que um depende do outro para existir. Em contrapartida, Figueiredo (2010) apresenta a percepção social e a define como um conjunto de processos pelos quais conhecemos, entendemos e organizamos as impressões recebidas dos impulsos do meio onde estamos inseridos. Então, é através dos processos que acontecem no meio social que podemos interpretar as informações recebidas. A percepção também pode ser observada por meio de outras vertentes, como a percepção da velhice. Pinto et al. (2019), por meio de entrevista coletada, afirmam que a percepção acerca do envelhecimento para os idosos tem um caráter positivo. De forma geral, eles entendem que é um processo natural e convivem bem com as mudanças, porém, afirmam que são cuidadosos e atenciosos, pois o processo de en-

velhecimento traz um novo modo de vida e exige um comportamento que seja apropriado para a idade. Esses idosos, ao perceberem as mudanças pertinentes ao avanço da idade, buscaram adaptar-se a um novo estilo de vida, decorrente do processo de envelhecimento.

Bem-estar psicológico e social

De acordo com Nogueira (2002) bem-estar é um termo que tem vários sentidos. Utilizado há longo tempo, tanto no estudo teórico quanto no cotidiano, contém significados variados que podem confundir sua definição. A autora ainda descreve o bem-estar como um termo recente nas ciências humanas, diferenciando-se tanto do prazer, quanto da felicidade e da alegria, e tendo um sentido mais aproximado de ação para o bem-estar. Ou seja,



é associado às ações que o indivíduo pratica para satisfazer as suas necessidades. Segundo Miranda (2010), bem-estar pode ser conceituado a partir da junção entre as palavras, bem e estar, estando sua definição descrita no dicionário de língua portuguesa como uma palavra que remete a um pleno estado de satisfação, rogado pelas exigências do corpo e do espírito, assim como, refere-se às sensações de segurança, tranquilidade e conforto. Assim, bem-estar é definido como estado de completo contentamento no âmbito moral ou físico, no qual o sujeito sente-se confortável, tranquilo e satisfeito com sua vivência pessoal (Miranda, 2010). Então, é necessário que haja harmonia entre as condições impostas para que o bem-estar aconteça.

Quando se trata de bem-estar psicológico, Ryff e

Keyes (1995) afirmam que compreende a auto aceitação do indivíduo, crescimento pessoal, objetivo de vida, relações positivas com o próximo, domínio ambiental e autonomia. Dessa forma, auto aceitação diz respeito ao indivíduo que aceita-se de fato como é; o crescimento pessoal compreende o desejo de sair da zona de conforto e ir em busca de novas oportunidades, permitindo desenvolver seu potencial. O objetivo de vida inclui dar um sentido para algo que se deseja conquistar em sua existência; a relação positiva com o próximo abrange um vínculo de harmonia com outra pessoa; o domínio ambiental envolve a competência ao conduzir as coisas a sua volta e, por fim, a autonomia é relacionada com a independência (Ryff e Keyes, 1995). Ademais, o bem-estar psicológico é alcançado quando o emocional do indivíduo



está adaptado com o meio social onde ele vive e sobre o qual tem a capacidade solucionar as adversidades ocasionadas pelo ambiente (Silva et al., 2012), todavia, os fatores sociais interferem no bem-estar do sujeito. Por esse motivo, Nogueira (2002) afirma que bem-estar social é uma exigência coletiva associada à busca de satisfazer as necessidades humanas. O bem-estar social é a representação do indivíduo a partir da própria experiência positiva que proporciona uma satisfação com relação ao meio social (Novo, 2005).

Forton (1974 apud Nogueira, 2002) acrescenta como componentes do bem-estar social: educação, saúde, alimentação, habitação, comunicação, trabalho, previdência social, lazer, possibilidade de associação e integração cultural e liberdades humanas. Sendo assim, quando

esses componentes do bem-estar social estão sendo usufruídos em equilíbrio, trazem melhorias para a vida do sujeito e dessa forma colaboram para o bem-estar psicológico. Dessa maneira, afirma Keyes (1998), as melhorias oferecidas pela a vida social proporciona ao indivíduo um suporte para desenvolver o que seria o bem-estar social. O autor baseia sua afirmação em estudo de cinco fatores envolvendo o bem-estar no âmbito social em que a integração da sociedade diz respeito: a) até que ponto o indivíduo se sente parte daquele meio que o cerca; b) a aceitação social refere-se ao indivíduo que aceita a sociedade do modo que ela é; c) a contribuição social corresponde com a forma como o cidadão pode contribuir com o espaço que vive; d) a atualização social, a medida em que a sociedade tem um potencial de cres-



cimento diante do mundo que o cerca; e) a coerência social tem relação a partir do momento em que o indivíduo percebe e se preocupa com mundo (Kyes,1998). De modo que o estudo contribuiu para obtenção da delimitação das atribuições referidos ao que representa o bem-estar social.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho teve como objetivo verificar como a percepção da sexualidade no processo de envelhecer pode afetar o bem-estar psicossocial da pessoa idosa. Para isso, foi utilizada revisão bibliográfica sistemática. Ela é definida como uma pesquisa que reúne diversas informações e dados de publicações encontrados em livros, periódicos ou artigos, bem como, contribui para a construção de novos tra-

balhos a partir do conteúdo de interesse (Lima e Mioto, 2007). Deste modo, utilizamos as seguintes bases de dados para nossa busca sistemática: o Google Acadêmico, a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e a Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertação (BDTD). Ainda, para a busca foram utilizados os seguintes descritores: sexualidade da pessoa idosa e nossa questão de pesquisa de que forma a percepção da sexualidade no processo de envelhecimento afeta a vivência psicossocial da pessoa idosa.

A pesquisa teve como critério de inclusão: artigos, tese e dissertação com a temática com os nomes no título e no resumo; artigos em língua portuguesa; pertencer às áreas de saúde e humanas e datados entre 2010 até 2020 para responder a discussão. Porém, utilizamos li-



teratura de língua estrangeira e datados de 1988 a 1998 devido a sua importância para construção histórica do referencial teórico. Para critério de exclusão: artigos que não se adequam com os anos e demais critérios referentes à temática estudada acerca da sexualidade da pessoa idosa; artigos de língua estrangeira; não utilizamos livros. A pesquisa foi realizada no período de março a agosto de 2020. Para a análise de dados foi realizada a leitura de artigos científicos e dissertações condizentes com o tema e, posteriormente, foi efetuada uma releitura criteriosa dos materiais que se enquadravam como uma possível resposta para os objetivos. No Google Acadêmico, ao pesquisar os descritores, foram encontrados 30 resultados entre artigos e livros, desses, após um exame com base nos critérios de inclusão e exclusão, 1 artigo foi

incluído e foram excluídos 22 artigos e 7 livros. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram encontrados 7 artigos, dos quais selecionamos apenas 4. No SciELO, por sua vez, encontramos um total de 6 artigos, entre estes foram incluídos 0 e excluídos 6.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio de algumas pesquisas (Alencar, 2013; Martins, 2012; Fernandes e Garcia, 2010; Razeira, 2016; Flores, 2015), as autoras a seguir relatam a vivência de algumas pessoas idosas acerca de aspectos que envolvem sua sexualidade. O artigo e as dissertações apresentaram questões referentes à percepção dos idosos sobre sua sexualidade, a importância da educação sexual e a vivência do bem-estar da



pessoa idosa. A sexualidade da pessoa idosa, ainda é pouco discutida, por esta temática ser um tabu e pelo fato de que a sociedade enxerga pessoas com mais de 60 anos como assexuadas e acredita que a prática sexual não seja uma possibilidade, pois a sexualidade é associada à procriação. Ademais, percebe-se a prevalência de uma visão de que a satisfação sexual somente é alcançada com um parceiro. Essa compreensão é incorreta, visto que a satisfação está relacionada muito mais com a aceitação do próprio corpo na fase idosa e com a resposta do estímulo que o corpo produz (Alencar, 2013).

Alencar (2013) defende que é necessária uma educação sexual tanto para o público idoso, quanto para o público em geral, para desmistificar os limites que se impõe sobre a sexualidade e identidade sexual. Pois, a repres-

são da sociedade faz com que a pessoa idosa iniba seus desejos, fantasias e até mesmo a prática sexual. A prática existe, com foco na sensação, prazer e bem-estar, visto que o desejo, a libido e até a capacidade orgástica não se degeneram, mesmo que alguns idosos tenham limitações (a disfunção sexual, baixa libido, repressão, vergonha e, em algumas situações, as doenças). Ao efetuar uma pesquisa com idosos de sexo masculino e feminino, Martins (2012) verificou que alguns idosos não obtiveram conhecimento sobre educação sexual nem em casa e nem na escola e descobriram sobre sexualidade quando estavam casados. As mulheres relataram que passaram a aprender com os maridos e os maridos mencionaram os amigos como fonte de informação. Essa informação tardia é justificada pelo fato da sexualidade ter



sido vista, naquela época, como pecado e digna de punição. Essa compreensão advinda de base religiosa limitava a sexualidade e suas vivências. Os resultados dessa pesquisa, contudo, não se generaliza a todos os idosos.

Martins (2012) também destaca que alguns idosos conseguem entender que o cuidado com o corpo também faz parte da sexualidade, pois essa ação causa uma satisfação, aumentando a aceitação do corpo nessa fase da vida. Mediante a isso, pode-se entender que a sexualidade para esse grupo de idosos de 64 e 77 anos divididos entre as religiões cristã e ateu é vivenciada com satisfação e autoconfiança. Podemos observar um relato dessa perspectiva em um dos relatos abaixo:

[...] graças a Deus [está satisfeito com a sua imagem] [...] bom eu me acho

bonito [...] eu sou satisfeito do jeito que eu sou, no meu corpo gosto de tudo [...] eu sempre tive o corpo legal, ainda tenho [...] eu gosto de me cuidar [...] eu gosto de cuidar das minhas coisas, aí eu vou em manicure, vou cuidar dos meus pés [...] porque a primeira coisa que Deus fala pra gente que é limpeza é a melhor coisa do mundo que você tem [...] então você tem que se cuidar, pode estar velho, mas você tem que se cuidar (Jorge, 71 anos, divorciado apud Martins, 2012: 81).

Ainda em referência à vivência da sexualidade pelo estudo de Martins (2012), o autor aponta que há idosos que encontraram uma forma de vivencia-la além do ato sexual e



descobriram que, após o período de viuvez, podem se reinventar e continuar desfrutando-a. Ademais, outros idosos mencionam a sexualidade como complemento do casamento, prazer, afetividade, entre outras coisas. Fernandes e Garcia (2010) fizeram uma pesquisa com 18 mulheres idosas com a faixa etária entre 61 a 78 anos, objetivando analisar a percepção e vivência delas com relação aos seus corpos. Foi percebido, através dos relatos das idosas, que existe uma divisão de opinião com relação ao corpo, de modo que a velhice foi caracterizada negativamente com ligação às características da aparência. Podemos observar tais compreensões no discurso de uma das idosas:

[...] acho que, quando a gente se olha no espelho e não gosta mais, é só na velhice. Eu não tenho mais

vontade. Quando eu era novinha, casadinha de novo, eu adorava me arrumar no espelho, mas, agora, eu não ligo (sra. D, 69 anos apud Fernandes; Garcia, 2016:882).

Desse modo, Razeira (2016), Fernandes e Garcia (2010), relatam uma baixa autoestima com relação a essa fase da velhice, principalmente em nossa sociedade que preza pela jovialidade e que um dos primeiros sinais da terceira idade é percebido por meio da aparência. Por outro lado, verifica-se idosas satisfeitas com seus corpos, como na explicação de duas entrevistadas: “[...] sou idosa, mas me cuido, ainda me acho bonita. Me maquio. Agora, pouquinho. Gosto de ficar bonita só pra mim. Nessa idade a gente tem que ser mais reservada. Também já estou na menopausa”



(Sra. O, 63 anos apud Fernandes e Garcia, 2010:883). E ainda: “[...] meu corpo é de grande importância na minha vida. Gosto muito do meu corpo, sinto-me amada pelo meu corpo. Envelhecido, mas bem conservado”. (Sra. S, 65 anos apud Fernandes e Garcia, 2010:883). Nessa perspectiva, foi atribuída, pelas idosas, beleza aos seus corpos com marcas de envelhecimento, como sendo amado dentro de suas particularidades.

Elencamos aqui a questão da autoestima, pois essa temática encontra-se relacionada à sexualidade na literatura examinada. Razeira (2016), em seus estudos, evidencia relatos nos quais existe uma baixa autoestima de pessoas idosas com relação ao seu corpo. Neles também eram mencionadas dificuldades com relação ao apetite sexual e algumas idosas dizem que sentiam dificuldades com a ereção

do companheiro. Um outro fator que influencia a vivência da sexualidade do idoso é o vínculo afetivo na terceira idade (Razeira, 2016). Isso porque, para eles, a sexualidade não se reduz somente ao ato sexual, está relacionada a questões como beijo, abraço e carinho. Assim sendo, “o desejo sexual está presente em toda a vida, mas na velhice não se reduz somente ao ato sexual e não objetiva o orgasmo, mas manifesta-se também de formas diferentes e está associado a autoestima, qualidade de vida e bem-estar” (Razeira, 2016:74). Acerca desses últimos pontos – a saber, a qualidade de vida e bem-estar – Martins (2012) aponta que a atividade física regular tem uma forte relação com esses aspectos. O autor defende que a atividade física regular proporciona um maior bem-estar psicológico, qualidade de vida e equilíbrio



da saúde mental. Em seu estudo, elenca atividades de lazer como sair, dançar, viajar e nas relações sociais com a família, amigos e convivência com grupos de terceira idade.

Ainda sobre estudos que exploraram a sexualidade do idoso, Razeira (2016) realizou uma pesquisa com 15 pessoas idosas, na qual, mediante ao seu objetivo de compreender como as pessoas institucionalizadas vivenciam o seu cotidiano e sua sexualidade, foi constatado que idosos tem pontos de vista diferentes sobre a conceituação de sexualidade. Foi perguntado o que se entendia por sexualidade e houveram definições como: intimidade, relação sexual e amor, procriação e também houve uma idosa que não reconheceu mais a sexualidade dentro do seu processo de envelhecimento, para ela é como se não existisse. Entretanto, cabe

ressaltar que o idoso que vive institucionalizado (pessoas que vivem em Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI), lida com uma certa limitação de sua sexualidade e encontram maneiras diferentes de desfrutá-las. Mesmo que exista o desejo sexual, ele é reprimido, em algumas ocasiões, por serem idosos, visto que existe o julgamento das pessoas que circulam no ambiente em que o mesmo se encontra. Em associação ao preconceito social, acrescenta-se concepções que alguns idosos têm estabelecido para si sobre a sexualidade no processo de envelhecimento (ex: como inexistente ou não podendo ser expressa). E, até mesmo quando se conhece do que de fato se trata a sexualidade, tem-se uma resistência por conta dos fatores já mencionados acima (Razeira, 2016).

Flores (2015) por meio



de uma pesquisa em com grupo de idosos de uma Associação de Moradores, traz considerações acerca das consequências positivas procedentes da sexualidade, como: a saúde, o bem-estar físico e mental, o amor, o prazer e a companhia. Ademais, seu estudo ainda encontra a sexualidade como resultante de uma boa saúde. E traz a fala de F. exemplificando a representação social de sexualidade associada ao bem-estar:

...Mas eu entendo que o sexo, além de ele fazer bem pra saúde, ele tem, ele traz vários benefícios. Cê [sic] pode ver as pessoas que tem a sexualidade em dia, é difícil elas tem [sic], assim... é... morre [sic] de, ataque cardíaco né [sic]. É difícil a gente ver pessoas assim [...] Mas fazer sexo é bom, você tendo en-

tendimento com seu parceiro, muito bom. Eu entendo. E faz bem pra saúde também. [...] Porque isso faz bem pra gente. Faz bem pra cabeça, pro corpo, pra tudo! Eu entendo assim, não sei... (Francisca, 2015 apud Flores, 2015:120).

É curioso que, para as entrevistadas desta pesquisa, o aspecto saudável que envolve a sexualidade está para além da saúde do corpo, atingindo também a saúde emocional e psicológica. Assim sendo, a sexualidade, para elas, produz bem-estar. Flores (2015), por sua vez, afirma, por meio de suas entrevistas, que as pessoas fazem uma comparação das vivências sexuais e afetivas da sua época e as que acontecem nos dias de hoje. De acordo com os participantes da pesquisa, que tinham entre 60 e



68 anos, existem mudanças radicais na forma de viver os relacionamentos, admitindo que hoje as relações são irresponsáveis, descartáveis e descompromissadas, podendo gerar consequências ruins, como brigas, violência e desestruturação no contexto familiar. Ao ser questionado sobre a sexualidade, P. afirma que os jovens a experimentam de uma forma descompromissada, sem limites:

Agora, tem muitos sem é...regra, né? [sic], sem limite, então tem que ter tudo uma coisa compatível. [...] hoje em dia, jovem aí com um ano, uma menina aí conhecida minha “É Sr. Paulo, eu tenho uma coleguinha minha, morou um ano só com o rapaz...”. Então, eles não têm maturidade, né? [sic]. Então, tão [sic] muito precoce, mas

as liberdades (sic) [...] E assim tá hoje o sexo... Hoje tem muita facilidade pra sexo, se eu quisesse eu tinha muitas mulheres. Mas eu não posso fazer isso, tem tipo uma moral [...] (Paulo., 2015 apud Flores, 2015:122-123).

Em face a isso, a autora conclui que os significados que perpassam a sexualidade são diferentes para cada geração, porém, nem por isso deixam de existir as regras e regulamentações sociais para as vivências sexuais e afetivas. Estas foram apenas modificando-se por toda história com significativa influência dos movimentos sociais, que a levaram a sexualidade para o contexto público (Flores, 2015). A visão que o idoso tem da sexualidade dos jovens afeta sua própria sexualidade no sentido de



culpabilidade e repreensão dos seus desejos no qual pode ocasionar o afastamento da vivência de uma sexualidade livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão aqui levantada, concluímos que, na sexualidade, a educação sexual é importante para o autoconhecimento e que cultivar o cuidado com o corpo, possuir auto-estima, praticar atividade física e desfrutar momentos de lazer, contribuir para a saúde física, emocional e psicológica gerando bem-estar na pessoa idosa (Fernandes e Garcia, 2010; Martins, 2012; Alencar, 2013; Flores, 2015; Razeira, 2016). Ademais, podemos afirmar que ainda é um desafio para os idosos poderem expressar sua sexualidade. Alegamos isso uma vez que as influências socioculturais e históricas afetam, e mui-

to, a sua forma de se expressar. Sendo, por vezes, necessária uma adaptação desse modo de expressão de acordo com o desejo e a necessidade individual de cada pessoa e, quando essa adaptação não acontece, pode-se gerar a repressão.

Vimos também que o conceito de sexualidade para os idosos divide-se em duas principais noções: há um grupo de idosos que ao envelhecer continuam reconhecendo e reinventando as possibilidades da sua existência, entendendo a sexualidade como companheirismo, amor, matrimônio, carinho e vaidade, enquanto para outro grupo a sexualidade na terceira idade é vista como inexistente. Espera-se que outras pesquisas possam explorar a percepção dos idosos sobre sua sexualidade e como isso os afetam, com o propósito de expandir a temática e visando uma maior



aquisição de conhecimento e aprendizado, na busca de evidenciar a importância da autonomia dos idosos sobre as suas escolhas frente sua sexualidade e o impacto disso em suas práticas de cuidado com a saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alencar, Danielle Lopes de (2013), “Fatores associados ao exercício da sexualidade de pessoas idosas”. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 104 f.

Almeida, T.; Lourenço, M.(2008), “Amor e sexualidade na velhice, direito nem sempre respeitado”. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo

Fundo, 5(1) , 130-140. Consultado a 25 mai. 2020, em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/104/187>.

Bacha, M. L. et al (2006). “Percepção: termo frequente, usos inconsequentes em pesquisa”, in: Encontro ANPAD, 30, Salvador, BA, Anais.

Bozon, M. (2004), “Sociologia da sexualidade”, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 20-59.

Carreira, Célia João Lopes (2011). “Sexualidade na terceira Idade – um estudo comparativo”, Dissertação [Mestrado em Gerontologia Social] - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 160 f.

Ciosak, S. I. et al. (2011), “Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de



saúde”, Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, 45(2),1763-1768.

Fernandes, M.G.M.; Garcia, L.G. (2010), “O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas”, Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 14(35),879-90.

Figueiredo, S. G. L. (2010), “Impacto de recursos mnemônicos na retenção de mensagens corporativas”, in: Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional - ABRAPCORP, 4, Porto Alegre, RS. Anais [...]. São Paulo: Abrapcorp. Consultado a 29 mai. 2020, em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT4/GT4_Suzel.pdf.

Flores, Talita Meireles (2015), “As pessoas idosas e suas representações sociais sobre a sexuali-

dade e envelhecimento”, Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 265 f.

Foucault, Michel (1988), “História da sexualidade 1: A vontade de saber”, Rio de Janeiro: Graal.

Giddens, A. (1993), “A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas”, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Jesus, J. G. (2012), “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”, Brasília, DF: [s.n.]. [2ª ed]. Consultado a 3 jun. 2020, em <http://www.diversidadessexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%80NE-RO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>.



Keyes, Corey Lee M (1998), “Social well-being”, *Social Psychology Quarterly*, 61(2),121-140.

Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 - Estatuto do idoso, São Paulo: Sugestões literárias, 2003.

Lima, T. C. S.; Miotto, R. C. T. (2007), “Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: uma pesquisa bibliográfica”, *Revista Katálisis*, Florianópolis, 10, 37- 45.

Lopes, C. E.; Abib, J. A. D. (2002), “Teoria da percepção no behaviorismo radical”, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 129-137.

Magalhães, J. (2004), “Processos de construção sociais, movimentos autogestionários e consciência crítica”, *Revista Organizações e Democracia*, Mato Grosso, 5(2), 229-246.

Martins, Tatiana de Cássia Ramos Netto (2012), “Sexualidade e envelhecimento na percepção de pessoas idosas”, *Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 140 f.*

Miranda, Onofre Rodrigues de (2010), “Bem-estar e mal-estar no contexto do trabalho: um estudo de representações sociais”, *Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 207 f.*

Morais, F. R. C. et al. (2010), “A construção do conceito da sexualidade no contexto da enfermagem”, *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, Rio de Janeiro, 2(3), 1071-1079. Consultada a 22 mai. 2020,



em <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750832015.pdf>.

Moreira, V.; Nogueira, F. N. N. (2002), “Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade”, *Psicologia USP*, São Paulo, 19(1), 59-79.

Negreiros, T. C. de G. M. (2004), “Sexualidade e gênero no envelhecimento”, *Revista Alceu*, 5(9), 77-86. Consultada a 22 mai. 2020, em <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750832015.pdf>.

Nogueira, V. M. R. (2002), “Bem-Estar, Bem-Estar Social ou Qualidade de Vida: a Reconstrução de um Conceito”, *Semina: Ciências Humanas e Sociais*, Londrina, 23, 107-122. Consultada a 27 mai. 2020 em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3858/3097>.

Novo, R. F. (2005), “Bem-estar e Psicologia: Conceitos e propostas de avaliação”, *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 2 (20), 183-203.

Oliveira, A. O.; Mourão-Júnior, C. A. (2013), “Estudo teórico sobre percepção na filosofia e nas neurociências”, *Revista Neuropsicologia Latino-americana*, 5 (2), 41-53.

Organização Mundial da Saúde (2006), “Definindo saúde sexual: relatório de uma consulta técnica sobre saúde sexual”, Genebra: OMS. Consultada a 15 maio 2020, em https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf.

Papalia, D. E. et al. (2006), “Desenvolvimento Humano”, São



- Paulo: Artmed. [8ª ed.]
- Pinto, M. X. R. et al. (2019), “Sexualidade e envelhecimento: a percepção de idosos participantes de grupo de convivência”. *Fisioterapia Brasil*, 20 (1), 43-49.
- Pontes, Ângela Felgueiras (2011), “Sexualidade: Vamos Conversar Sobre Isso?”, Tese (Doutorado em Ciências de Saúde Mental) - Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 282 f.
- Razeira, Tatiane Rocha (2016), “Cenas do cotidiano e sexualidade de pessoas idosas institucionalizadas”. Dissertação [Mestrado em Gerontologia] -Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 104 f.
- Ressel, L B.; Gualda, D. M. R. (2003), “A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais”, *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, 37(3), 82-87. Consultada a 19 mai. 2020, em https://www.scielo.br/scielo.php?pi62342003000300010&script=sci_arttext&tlng=pt.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995), “The structure of psychological well being revisited”, *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), 719-727.
- Santos, S. S.; Carlos, S. A. (2003) “Sexualidade e amor na velhice. Estudos Interdisciplinares de Envelhecimento”, Porto Alegre, 5 (1), 57-80. Consultado a 26 mai. 2020, em <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/104/187>.
- Schneider, R. H.; Irigaray, T. Q. (2008), “O envelhecimento na



atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais”, Estudos de Psicologia, Campinas, 25 (4), 585-593.

Scoralick-Lempke, N. N.; Barbosa, A. J. G. (2012), “ Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span”, Estudos em Psicologia, Campinas, 29, 647-655.

Sena, Tito (2007), “Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas” Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 311 f.

SILVA, L. et al. (2012), “Atitude de idosos em relação à velhice e bem-estar psicológico”, Revista Kairós Gerontologia, 15 (3), 119-140. Consultado a 27 mai.

202, em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/13798/10187>.

Uchoa, Y. S. et al. (2016), “Sexualidade sob o olhar do idoso”. Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia., Rio de Janeiro, 19 (6), 939-949. Consultado a 09 out. 2020, em <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>.

Vieira, Kay Francis Leal (2012), “Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e repercussões psicossociais”, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 234 f.

Vitiello, N. & Conceição, I. S. C. (1993), “Manifestações da sexualidade nas diferentes fases da vida”, Revista Brasileira de



Sexualidade Humana, 4 (1), 47-59. Consultado a 24 mai. 2020, em http://sbrash.org.br/wp-content/uploads/2020/03/07_rbsh-vol04n1_1993.pdf#page=40.

